

ENSINO DE LITERATURAS EM PRÉ-VESTIBULARES SOCIAIS: IDENTIDADES EM TRÂNSITO

TEACHING LITERATURES IN SOCIAL PRE-COLLEGE PREPARATORY COURSES: IDENTITIES IN TRANSIT

Maria Betânia Almeida Pereira¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil
mbapereira@gmail.com

Recebido em 15 maio 2019

Aceito em 29 jul. 2019

Resumo: O artigo discorre acerca das ações desenvolvidas no projeto de iniciação à docência, “O ensino do texto literário e suas inter-relações com outras linguagens”, iniciado em 2016 na Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Tendo em vista o recorte do corpus para análise, nos detivemos em uma das experiências cujo enfoque volta-se ao ensino do texto literário em pré-vestibulares sociais. Desta forma, a pesquisa objetiva: contextualizar o projeto e seus desdobramentos; refletir sobre o ensino de literatura em pré-vestibulares sociais, considerando algumas abordagens teórico-metodológicas; trazer à baila depoimentos de professores voluntários - licenciandos em Letras da FFP-UERJ - de forma a repensar o *ethos* de professor e sua construção identitária nesse processo de ensino-aprendizagem. A fundamentação teórica apoiou-se em: Antonio Candido (2004), quando defende a literatura enquanto direito de todos; Todorov (2009) ao pontuar uma visão reducionista no ensino de literatura e ao analisar a formação universitária; Brian Street (2014), ao considerar as práticas sociais de leitura e de escrita, pondo em relevância o método etnográfico; Stuart Hall (2014) em sua conceituação das identidades enquanto representações sociais; Paulo Freire (1996) ao situar o processo de ensino-aprendizagem como via de mão dupla em que professores e alunos se constroem e se reconstróem; dentre outros. Esperamos que o trabalho possa motivar debates em torno do ensino de literatura, em diversificados espaços de aprendizagens.

Palavras-chave: Ensino. Literatura. Identidades. Pré-vestibulares sociais.

Abstract: The article discusses the actions developed in the project of teaching initiation, “The teaching of the literary text and its inter-relation with another languages”, began in 2016 in The Teacher Training College at the University of the State of Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Bearing in mind the cut to the corpus analysis, we transposed in one of the experiences whose focus relates to teaching literatures in exam entrance preparatory courses. So, the research aims contextualize the project and its ramifications; Think about the teaching literature in exam entrance preparatory courses, considering some of its theoretical-methodological approaches; Bring out testimonies of volunteer teachers – graduating students in the Faculty of Arts of FFP-UERJ - in the way of rethinking the *ethos* of the teacher and your identity construction in the process of teaching-learning. The theoretical fundamental was based in Antonio Candido (2004) when he defends the literature as everybody's rights. Tzvetan Todorov (2009) points out a reductionist vision of the teaching literature and analyzing the academic education; Brian Street (2014) considers the social practices of reading and writing, emphasizing the ethnographic method. Stuart Hall (2014) in his conception of the identities as social representations. Paulo Freire (1996) considers the process of teaching learning as a two way street in which teachers and students create and recreate themselves; among other. We wait that the work may motivate the debates around teaching literature, in diversified spaces of learning.

Keywords: Teaching. Literature. Identities. Social Pre-College Preparatory Courses.

INTRODUÇÃO

Uma das grandes discussões que permeia o ensino de literatura nos três últimos anos da educação básica é a de que este restringe-se na meta enfadonha de preparar o aluno para o vestibular e/ou Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nessa ótica, a porta de entrada do aluno no universo ficcional limita-se a cumprir determinadas ordens de comando de conteúdo programático. Fica de lado, nesse contexto, dentre outras questões, as especificidades do texto literário e suas implicações no terreno da verossimilhança, a fruição estética, as relações entre literatura e outras linguagens artísticas. A literatura, como patrimônio cultural de um povo, não pode ser relegada a um plano altamente utilitário, e, o seu ensino, quando voltado para um público de adolescentes, deveria, no mínimo, suscitar tanto o encontro das linguagens com que esses jovens têm contato e utilizam – aqui, uma referência aos letramentos trazidos por este público - quanto o diálogo com outras formas de expressão artística.

Pensamos o conceito de letramento a partir das reflexões trazidas por Brian Street (2014), especificamente na obra *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Em nossas atividades, levamos em conta o modelo ideológico do letramento que concebe a leitura e a escrita como práticas sociais, atentando para o contexto em que estas estão inseridas. Assim, tal modelo ressalta “a importância do processo de socialização na construção do significado de letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo de dá” (STREET, 2014, p. 44).

Em se tratando do ensino do texto literário em pré-vestibulares comunitários, situados em zonas periféricas do município de São Gonçalo/RJ, não desconsideramos uma abordagem etnográfica, defendida por Street, pois importa saber: a) quem são os sujeitos envolvidos nesse processo de troca do ensinar e do aprender - os alunos dos pré-vestibulares e os licenciandos em Letras, professores voluntários; b) Como se dão essas formas de aprendizagens, melhor dizendo, quais são as metodologias utilizadas nessas trocas.

Dividimos o artigo em três seções. Na primeira, situaremos o projeto de

iniciação à docência, deixando o leitor a par de algumas atividades desenvolvidas; já o foco da segunda seção recai nas discussões teóricas que embasam as práticas, de maneira a moldar um perfil teórico-metodológico do trabalho. Por último, as práticas voltadas para o ensino de literatura em pré-vestibulares sociais são destacadas pelos depoimentos dos licenciandos envolvidos. Então, o artigo encerra-se por meio da escuta e diálogo dessas vozes que ecoam muitos pontos interessantes para a reflexão. A temática das identidades em construção, por exemplo, é um desses itens analisados.

1 O PROJETO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: AÇÕES E DESDOBRAMENTOS

O projeto de iniciação à docência, “o ensino do texto literário e suas inter-relações com outras linguagens” teve início no ano de 2016, sendo aprovado pelo CETREINA¹, que é o setor responsável pelo planejamento, divulgação, coordenação, execução, acompanhamento e avaliação das atividades relativas aos estágios e bolsas vinculados à Sub-reitoria de Graduação da UERJ.

Em sua forma original, o projeto possui um encaminhamento pedagógico que aponta para duas direções. A primeira é voltada diretamente aos alunos das escolas públicas do município de São Gonçalo, onde são desenvolvidas as atividades de práticas de ensino. A segunda é focada nos graduandos em Letras da FFP-UERJ que, por meio de pesquisa orientada, reuniões e debates, são convocados a trabalhar com os discentes das escolas públicas o texto literário e suas inter-relações com outras linguagens. Dentre as várias ações desenvolvidas, destacamos: o grupo de estudos que se reúne semanalmente para a discussão dos textos teóricos que fundamentam a prática; as oficinas realizadas nas escolas e atualmente em pré-vestibulares comunitários; a elaboração de materiais didáticos e a constante reflexão sobre as atividades realizadas.

O primeiro ano de atividades do projeto contemplou oficinas realizadas em escolas públicas. Parte desse trabalho foi publicado no artigo, “Entre diálogos e letramentos: aplicações de sequências básicas em turmas de Ensino Fundamental e Médio”, feito pela coordenadora do projeto em coautoria com a ex-bolsista Ana

¹ <http://www.cetreina.uerj.br/site/#>

Carolina Nemer. O artigo citado está disponível no site da Linguagem em Revista: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/>.

Em meados de 2017, levando em conta o contexto socioeconômico do Estado do Rio de Janeiro, cuja crise se estendeu nos muros da Universidade, repensamos sobre a urgência de ampliar as oficinas e assim seguimos em outros desdobramentos, com foco no público de cursos de pré-vestibulares comunitários. Foi um momento conturbado para toda comunidade uerjiana; as maiores dificuldades se concentraram no agravamento da precariedade do funcionamento das unidades, em detrimento da falta de verba e do não pagamento dos salários dos servidores, funcionários, alunos bolsistas e funcionários terceirizados. Mesmo diante desse quadro devastador, seguimos com as nossas atividades – sendo esta a nossa resposta num contexto de claro desmonte da universidade pública.

Havia nesse momento considerável evasão de alunos dos bancos da instituição e os problemas agravados pela situação alavancaram novas ações. A partir das nossas reuniões no grupo de estudo, elaboramos oficinas e materiais didáticos voltados, inicialmente, para o vestibular da UERJ. Os bolsistas do projeto, com a orientação da coordenadora, aplicaram as primeiras atividades no Pré-vestibular Saber Pra Mudar, que funciona na própria Faculdade de Formação de Professores, da UERJ e é coordenado por um dedicado aluno do curso de Letras desta instituição, Leonardo Gomes Peçanha. Dessa forma, para além das atividades já realizadas em escolas públicas de São Gonçalo, foram inseridos, nesse rol, os pré-vestibulares sociais: Saber Para Mudar, Emancipa e Educafro.

Na seção 3, destacaremos, especificamente, as ações realizadas pelos licenciandos em Letras da FFP-UERJ, no pré-vestibular comunitário Educafro, núcleo São Gonçalo. Por meio dos depoimentos colhidos, será possível perceber a constituição de um *ethos* profissional e as análises acerca do ensino do texto literário, que reverberam também representações identitárias dos graduandos em Letras.

2 CHEGAR À QUÍMICA PELO CHÁ DE ERVA-DOCE

No tocante ao ensino de literatura, conforme ressalta Ivanda Martins (2006), especialmente no ensino médio dever haver uma reavaliação das metodologias direcionadas a este público, visando à busca de alternativas didáticas de ensino-aprendizagem capazes de motivar os alunos. E um desses elos motivadores

poderia ser justamente o diálogo com outras linguagens. Esse enfoque dialógico da literatura e outras formas de expressão é defendido por Roxane Rojo (2006) quando propõe uma ponte entre o estudo da música e da literatura:

nós brasileiros temos uma grande fortuna: a de termos nascido num país musical. Não parece, no Brasil, ser tão difícil iniciar nas artes por meio da música (e da imagem), aproximar a literatura valorizada de gêneros da tradição oral e popular (ROJO, 2006, p. 74).

Dessa forma, Roxane Rojo (2013) ressalta que deve haver uma via de interação entre o plurilinguismo privilegiado nas interações extraescolares e as formas escriturais presentes na escola, no sentido de

chegar aos mecanismos poéticos da lírica e épica pelo caminho do rap, do samba ou do funk; à leitura do artigo de opinião e à compreensão crítica do debate político da TV pela discussão das formas jornalísticas de persuasão de um Brasil Urgente; ou na esteira de Oswald de Andrade (1972 [1924], chegar à “química”, pelo “chá de erva-doce” (ROJO, 2013, p. 18).

Não nos parece tarefa simples “chegar à química, pelo chá de erva doce” em termos de um diálogo entre a tradição literária canônica e outros gêneros textuais de expressão artística tão comuns da juventude, tais como o rap e o funk. Dito de outra maneira, essa missão implica em desafios de uma prática docente que invista de um lado, na abertura para o novo, de outro, na aplicação de mecanismos que possibilitem estas inter-relações, sem desprezar as especificidades intrínsecas em cada gênero textual ou expressão artística em análise. Este debate envolve, notadamente, outra questão que merece aprofundamentos: a formação de professores.

Tzvetan Todorov, em seu livro *A literatura em perigo*, toca em questão crucial para o debate, quando argumenta que o ensino de literatura, em vez de aproximar dela os alunos, tem de fato causado um afastamento, pois a forma em que a disciplina é ministrada colabora com a dissociação entre vida e conteúdo ensinado. Assim, tal disciplina configura-se no plano intangível, como se não tivesse relação alguma com a vida dos educandos. Dentre os vários apontamentos que o crítico levanta, ele evidencia que o estudo da história literária tem sido o foco do ensino de literatura na França durante muitos anos. Em consequência disso, “a tradição universitária não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um

pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação do mundo” (TODOROV, 2009, p. 38).

Todorov vê um problema explícito nessa cisão literatura e vida social, mas outro tema que merece a atenção do crítico recai no quesito de natureza metodológica: ensinar literatura para o público do ensino médio exige do professor uma série de desafios, dentre os quais ter a seu favor, uma “ferramenta invisível” que o possibilite trabalhar a literatura em sala de aula, resguardando o academicismo inerente à sua formação. O crítico não nega a relevância dos estudos literários teóricos, mas eles têm que vir de forma implícita, no sentido de sustentar o professor em sua prática, mas não afastar o aluno da disciplina. Nesse sentido, cabe ressaltar que quando o professor vai dar aula para alunos do ensino médio ou de pré-vestibulares sociais, ele não está diante de “especialistas” na área e que a literatura não deve ser apartada do universo em que vivemos, assim não podemos permanecer na “tendência que recusa a ver na literatura um discurso sobre o mundo” (TODOROV, 2009, p. 40).

Ver na literatura um discurso sobre o mundo não implica em circunscrevê-la em fins utilitários, tampouco abandonar suas especificidades. Ampliar suas formas de acesso parece ser o caminho possível quando pensamos em termos de direitos e exercício de cidadania, cada vez mais necessários em sociedades estruturalmente desiguais como a brasileira.

3 UMA LITERATURA NOS CAMPOS PERIFÉRICOS - QUEM ENSINA? QUEM APRENDE?

Em seu clássico artigo, “O direito à literatura”, Antonio Candido (2004) defende a literatura como um bem incompressível, uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, uma vez que a literatura dá forma aos sentimentos e assim contribui para organizar a visão de mundo. Embora o autor de *Educação pela noite & outros ensaios* argumente que todos deveriam ter o direito à literatura, ele não essencializa esse campo de estudo, pois adverte “[A literatura] não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2004, p. 176. Grifos do autor). Assegura ainda que todos os seres humanos necessitam de fabulação. Neste sentido, a literatura como

componente da ação humana não deveria ser apartada do contexto social, pelo contrário, deveria ser cada vez mais difundida, aperfeiçoada e estar em contato com outras formas de expressão.

Em linha de pensamento similar, o romancista Amós Oz, ao proferir a palestra “Em louvor às penínsulas”, em 2015, na manhã seguinte aos ataques terroristas de Paris, põe em evidência as vicissitudes do bem e do mal inerentes à condição humana. Dadas as devidas proporções contextuais em que tais artigos foram escritos – Candido em 1988 e Amós Óz em 2015 – esses intelectuais estão a afirmar a imaginação e a criatividade enquanto valorações não somente intrínsecas aos que produzem literatura, mas aos que se apropriam dela.

Oz enfatiza o papel preponderante da literatura ou da arte, sinalizando a capacidade que elas têm em “fazer abrir um terceiro olho em nossa testa – ver coisas antigas e batidas de um modo totalmente novo” (OZ, 2016, p. 13). Considera assim que a grande literatura tem se posto nos lugares e nas peles dos outros – o que incita a curiosidade, considerada virtude moral para o romancista e poderoso antídoto de primeira linha ao fanatismo.

3.1 CONTEXTUALIZANDO OS ESPAÇOS: A PARCERIA FFP E EDUCAFRO

A Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ, situada em São Gonçalo, município do leste da região metropolitana do Rio de Janeiro, é a maior unidade da UERJ fora do campus Maracanã (RJ). Dedicada à formação de professores, oferece hoje 6 (seis) cursos de licenciatura plena, 9 (nove) cursos de pós-graduação (especialização), 6 (seis) mestrados – sendo 4 acadêmicos e 2 profissionais – e um doutorado.

Sendo a única unidade de uma universidade pública localizada no município de São Gonçalo, a FFP/UERJ atende a cerca de 2500 alunos de graduação oriundos de inúmeros municípios da Região Metropolitana e do interior fluminense, inscritos em cursos de licenciatura em Pedagogia, História, Geografia, Matemática, Letras (Português/Literatura e Português/Inglês) e Biologia. Seu projeto político-pedagógico

apoia-se na vinculação técnico científico sobre a realidade educacional, social, ambiental e cultural, sobretudo, no leste metropolitano do Rio de Janeiro².

A Educafro – Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes – é uma Organização Não-Governamental (ONG) - tem como principal objetivo melhorar vidas por meio da educação, da igualdade social, étnica e pela valorização dos direitos humanos, proporcionando bolsas de ensino superior a ou às pessoas carentes, afrodescendentes e refugiados. Com vários núcleos espalhados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a Educafro tem a missão

De promover a inclusão da população negra (em especial) e pobre (em geral), nas universidades públicas e particulares com bolsa de estudos, através do serviço de seus voluntários/as nos núcleos de pré-vestibular comunitário e saberes da sua Sede Nacional, em forma de mutirão (Fonte: <http://www.educafro.org.br/site/conheca-educafro/>).

Com núcleos espalhados nos estados de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, os pré-vestibulares comunitários da Educafro contam com parceira de espaços cedidos e de professores voluntários para a realização das aulas. No Rio de Janeiro há cerca de quase 20 núcleos em lugares diferenciados, abarcando Centro, as zonas Norte, Sul, Oeste, Baixada Fluminense, Região dos Lagos etc. Em São Gonçalo, o núcleo iniciou seus trabalhos em abril de 2018. Desde então, vem contando com o auxílio de licenciados e licenciandos em Letras e de outros cursos de licenciatura da FFP-UERJ. No item seguinte, as experiências dos discentes em formação no Curso de Letras serão abordadas, dando prosseguimento à pesquisa.

3.2 SER, ESTAR PROFESSOR(A) E ENSINAR LITERATURA

Com a autorização para a transcrição de seus escritos e exposição dos nomes, inserimos na íntegra os depoimentos dos licenciandos e licenciandas em Letras, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, que ministram a disciplina Literatura no pré-vestibular comunitário da Educafro, núcleo São Gonçalo. Foi pedido que falassem a respeito da experiência de dar aula de literatura nesse

² Fonte: <http://www.ffp.uerj.br/index.php/about-us>

espaço. Consideraremos o testemunho desse corpo discente para posterior análise reflexiva de temas relevantes para o diálogo:

1) A experiência no Educafro tem se constituído de modo singular. Dinamizar a literatura em uma turma tão heterogênea (em diversos níveis) e inserido em uma proposta pedagógica com recorte racial tem me feito repensar os lugares comuns do ensino de literatura, assim como os da própria crítica literária. Como proporcionar proximidade com uma literatura que já apresenta como marco inicial um texto de ótica colonizadora, simbolizando, por fim, uma sucessão de imposições e transposições que viriam a nós, brasileiros? Um espaço educacional não inteiramente preocupado com aprovações em vestibulares como sinônimo único de êxito do aluno tem motivado o desenvolvimento de um pensamento crítico do mesmo, tanto de sua formação enquanto cidadão, como também do conteúdo estudado, reflexão que também se estende, enfim, à minha metodologia enquanto professor. (Leonardo Ramos, licenciando em Letras, FFP – Português-Literaturas, oitavo período, ano 2018)

2) Hoje percebo que enquanto apenas graduanda, eu não tinha noção da necessidade do uso de estratégias para a abordagem do texto literário em sala de aula. Com a oportunidade do voluntariado em um pré-vestibular social comunitário descobri que o docente é essencialmente também um pesquisador. A preparação que antecede a aula, nos leva a pensar na seleção de obras, nas práticas que serão empregadas e numa necessária sistematização, tudo isso para que o conteúdo oferecido seja apresentado de maneira mais acessível para o aluno e que promova o seu interesse em prosseguir os estudos nesta disciplina. A escuta faz-se extremamente necessária. O compartilhar me amadureceu muito academicamente pois me despertou a vontade de fazer sempre o melhor para um público que espera tanto de mim. Afetivamente falando, é uma sensação muito feliz *ser* chamada de 'professora' e hoje seleciono textos e elaboro os planos de aula, não pensando apenas em que aula eu gostaria de assistir, mas que aula os meus alunos gostariam de ter. (Luciana dos Santos Silva, licencianda em Letras, FFP – Português-Literaturas, oitavo período, ano 2018)

3) O pré-vestibular Educafro para mim foi a oportunidade que precisava, não só para lecionar e pôr em prática aquilo que aprendo na faculdade, mas a oportunidade para enxergar os outros lados de ser professor. O projeto Educafro é o lugar onde posso desenvolver minhas habilidades como professora e pessoa, sem regras pré determinadas para ensinar e fazê-los aprender a qualquer custo, lá é o lugar em que posso fazê-los pensar e repensar, e eles não estão sozinhos, pois com eles penso, repenso e aprendo junto. O meu intuito para participar deste projeto era ensinar, mas sou surpreendida a cada encontro em que posso perceber interesses, dúvidas e até mesmo alguma falta de atenção, esses elementos são essenciais para que eu possa de todas as formas dar o meu melhor e ajudá-los. Esses alguns sábados são a *maneira* para me desenvolver e tentar ajudar os outros. (Carolina de Jesus Martins – Licencianda em Letras, FFP – Português-Literaturas, oitavo período, ano 2018)

A partir da leitura das falas, podemos refletir sobre alguns pontos que convergem:

1) O de que ensinar literatura exige um repensar voltado para o público e seu contexto de aprendizagem - Os professores em formação pensam não somente no conteúdo, importa, sobretudo, a forma como este conteúdo vai ser passado; então valorizam as estratégias e metodologias, que não são vistas como padrões formatados, pois podem ser flexibilizadas. A “necessária sistematização dos

conteúdos” sinalizada pela licencianda Luciana, que foi bolsista do projeto de iniciação à docência, reflete as ações dela enquanto pesquisadora e atuante no grupo de estudos. Já a voluntária e atual bolsista Carolina Santos vê algo bastante positivo em ter a liberdade e a autonomia para trabalhar com os alunos sem a obrigatoriedade de “aprender a qualquer custo”.

O depoente Leonardo Ramos faz inquirições a respeito da constituição de nossa literatura, vista pelo crítico literário Antonio Candido (1997, p. 9) como “um galho secundário da portuguesa”. Ramos questiona, de certa maneira, a perspectiva colonizadora na qual se originou a nossa literatura, antevendo assim complexidades no tocante às formas padronizadas de se ensinar literatura e vê a necessidade de “repensar os lugares comuns” desse ensino e, conseqüentemente, de rever também a crítica literária. É interessante perceber que o contato com o ensino de literatura em contexto de um pré-vestibular comunitário instigou o discente a rever os caminhos de sua formação, perscrutando os sentidos e formas de acesso ao ensino do texto literário. Ao trazer à tona essas reflexões, o graduando também se vê imiscuído de uma coerência entre sua forma de pensar e o seu método de trabalho. E o quadro teórico da literatura é repensado quando o aluno pondera: qual literatura apresentar no contexto de um pré-vestibular que traz em seu bojo um recorte racial? Leonardo Ramos então reflexiona que o seu pensamento crítico não pode ser dissociado de um conteúdo conseqüentemente crítico.

2) O *ethos* da docência constitui-se na prática - Os depoentes estão dizendo que dar aulas exige uma reflexão constante e que ensinar e aprender são ações que se estabelecem numa via de mão dupla, pois “não há docência sem discência” e tais práticas “não se reduzem à condição de objeto, um do doutro”, uma vez que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 24-25).

A bolsista do projeto de ID e voluntária no pré-vestibular da Educafro, Carolina de Jesus afirma que na sua prática docente “pensa, repensa e aprende junto com os alunos”. Sua postura viabiliza uma práxis de abertura para as aprendizagens construídas em contato com os educandos, o que também a auxilia a pensar em “outros lados de ser professor”. A fala de Carolina comunga com o pensamento de

Paulo Freire, pois a licencianda trilha juntamente com os alunos o caminho da curiosidade:

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer (FREIRE, 2001, p. 259.)

A ex-bolsista Luciana dos Santos Silva pondera que em sua prática pôde perceber que o “professor é essencialmente um pesquisador”, pois não dissocia o trabalho do docente do trabalho de um pesquisador que lê, estuda, prepara os conteúdos a serem ministrados, numa seleção prévia que pressupõe exigências comuns às atividades de pesquisa.

Quando os licenciandos vão, no decorrer do discurso, apresentando representações do que é ser professor(a), estão compondo o *ethos* de sua carreira, um autorretrato discursivo, que tem a ver com “a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (AMOSSY, 2005, p. 10). Essas imagens de si tecidas ao longo dos relatos revelam um caráter positivo, pois ainda que os graduandos problematizem determinados assuntos, a relação entre professor e aluno parece ser boa.

Cabe ressaltar que os estudantes Leonardo, Luciana e Carolina estão no último período do curso, ainda não receberam o diploma de Licenciados em Letras, no entanto ao estabelecerem o contato com a prática de ensino de literatura estão professores, sendo estudantes. Essa possibilidade de troca de funções enriquece e aprofunda o processo de formação de professores, uma vez que o aluno se vê num patamar movediço em que suas dúvidas e reflexões podem se potencializar.

3) As identidades estão em processos de (re)construção - Nos discursos dos licenciandos é perceptível observar o processo de construção e reconstrução de suas identidades, uma vez que o contato com os alunos do pré-vestibular comunitário permite essas reconfigurações, pois

as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’ (...), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem,

nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos (HALL, 2014, p. 112)

Assim, a representação de uma identidade de "professor" só pode ser constituída em contato com os Outros – que nesse caso, são os alunos. Dependendo dos espaços em que transitam e dos sujeitos em que se estabelecem relações, pode-se dizer que o processo identitário possui essa natureza movediça, de instabilidade e constante (re)construção.

Vale também acrescentar que é nesse processo de construção e reconstrução das identidades que características pessoais e profissionais são redimensionadas, pois como bem aponta António Nóvoa, as práticas profissionais são vistas como lugares de reflexão e de formação. Nesse sentido, é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais:

Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de auto-reflexão e de auto-análise (NÓVOA, s.d.)

Podemos perceber na fala da ex-bolsista Luciana essas dimensões pessoais e profissionais bem delineadas quando ela se refere à afetividade que é despertada quando os alunos a intitulam “professora”. A escuta da palavra que configura a profissão desencadeia na ouvinte sentimentos de cuidados não só da profissão – preparar melhor as aulas, dar o melhor de si – mas também o cuidado com o outro – “que aulas meus alunos gostariam de ter”. Nessa fala, o pensamento de Paulo Freire (1996) também se atualiza, pois significa que a afetividade não assusta a formanda e ela não tem medo de expressá-la, há, portanto a “abertura ao querer bem” de maneira que há um “compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano” (FREIRE, 1996, p. 159).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, procuramos examinar algumas ações vinculadas ao projeto de iniciação à docência, desenvolvido na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Tais ações restringiram-se, no escopo desse trabalho, ao

ensino de literatura em pré-vestibulares sociais, focalizando sobretudo as questões de ordem teórico-metodológica que suscitaram boa parte das reflexões levantadas.

Percebemos por meio dos depoimentos dos licenciandos em Letras, que a experiência de ensinar literatura em pré-vestibulares sociais é de grande valia, pois é uma forma de aliar o cabedal teórico que esse educando vem construindo ao longo do curso à prática da sala de aula. Acresce a isto, também, o fato do graduando ser convocado a elaborar materiais didáticos, usá-los e refletir sobre seus usos. Numa Faculdade de Formação de Professores, esse tipo de pesquisa contribui para os elos necessários entre a Universidade, a Escola Básica e outros espaços de aprendizagens.

Ampliar os espaços de aprendizagens para os formandos em Letras é também permitir que se construam outras possibilidades de repensar não só a sua atuação, mas também dar suporte e redimensionar sua práxis, no sentido de contribuir para uma formação mais assentada em questões de ordem social.

O ensino de literatura, por sua vez, não pode ser apartado do contexto social, cultural e econômico em que vivemos. Cada vez mais o desafio de trabalhar com o texto literário suscita indagações que requerem, se não respostas, ao menos debates capazes de nos mover para dentro e além do universo das palavras, a fim de que possamos construir pontes de acesso a muitas vias e não torres de marfins intangíveis.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

_____. **Formação da literatura brasileira**. (Momentos decisivos). v. 1. 8. ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

_____. Carta aos professores. *Estudos Avançados* (15) 42. **Scielo**. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>. Acesso em: 5 out. 2018.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista Educación*. [20--?]. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

OZ, A. **Como curar um fanático**: Israel e Palestina: entre o certo e o errado. Tradução: Paulo Ceiget. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

ROJO, R. O texto como unidade e o gênero como objeto de ensino de Língua Portuguesa. *In*: TRAVAGLIA, L. C. (org.). **Encontro na linguagem – Estudos linguísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

ROJO, R. (org.). **Escol@ conectad@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Cenários futuros para a escola. *In*: **Multiletramentos**. Educação no século XXI. v. 3. São Paulo: Fundação telefônica, 2013.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Sobre a autora**Maria Betânia Almeida Pereira**

Professora Adjunta do Departamento de Letras, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Possui Doutorado em Letras, subárea Literatura Comparada e Mestrado em Letras, pela UFF, Graduação em Letras pela UFV. Atua nos Cursos de Graduação, Especialização e Mestrado Profissional em Letras, na FFP-UERJ. Nesta instituição é Coordenadora da Especialização em Educação Básica, na Modalidade Ensino de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa, editora-adjunta da *Pensares em Revista* e Coordenadora do Subprojeto Língua Portuguesa do PIBID.